

## TRABALHANDO A IDENTIDADE DE MÃES ADOLESCENTES: UMA INTERVENÇÃO DA PSICOLOGIA NO CRAS

Carolina Guimarães Porto <sup>1</sup>  
Bárbara Gabrielly Silva Moreira<sup>2</sup>  
Maria Aparecida de Araújo Silva<sup>3</sup>  
Ana Cristina Rabelo Loureiro <sup>4</sup>

### RESUMO

A gravidez na adolescência é um fenômeno que tem crescido ao redor do mundo, especialmente no Brasil. A relação das mudanças físicas e psíquicas decorrentes de uma gestação, atreladas as modificações características dessa faixa etária, compõem um cenário de grande preocupação. O objetivo principal deste trabalho é relatar a experiência de estudantes de Psicologia em uma política pública de assistência social, o CRAS, que procurou entender e intervir nas necessidades predominantes de um grupo de mães adolescentes relacionadas às questões de identidade feminina, maternidade, além de promoção da saúde, assegurando a importância de laços afetivos, troca de experiências e estratégias de enfrentamento para a realidade da vulnerabilidade social identificada no grupo. Para a concretização do objetivo, realizou-se uma série de vivências grupais com as mães, a partir da metodologia participativa com dinâmicas de grupo e rodas de conversa. Foi possível observar que, a partir dessas intervenções, os laços afetivos entre as participantes se estreitaram, as reflexões sobre o ser mãe e mulher foram iniciadas, e as mães conseguiram sentir o grupo como um porto de acolhimento e identificação.

**Palavras-chave:** Gravidez na adolescência, Mulheres, Identidade, Políticas Públicas, Dinâmicas de grupo.

### INTRODUÇÃO

A temática da gravidez na adolescência parece ser uma preocupação constante entre os estudiosos, desde tempos remotos. O problema se agrava quando essas adolescentes se encontram em situação de vulnerabilidade social, considerando que, além de precisar enfrentar as questões relacionadas ao desenvolvimento humano e a identidade, inerentes a essa fase, ainda precisam lidar com questões referentes a sua situação de risco e aos fenômenos da maternidade.

---

<sup>1</sup> Graduanda do Curso de Psicologia da Universidade Estadual da Paraíba - UEPB, carolinagporto7@gmail.com;

<sup>2</sup> Graduanda do Curso de Psicologia da Universidade Estadual da Paraíba-UEPB, barbamoreirabm@gmail.com;

<sup>3</sup> Graduanda do Curso de Psicologia da Universidade Estadual da Paraíba - UEPB, m.araujofm@gmail.com;

<sup>4</sup> Doutora pelo Curso de Psicologia Social da Universidade Federal da Paraíba- UFPB, anacristinaloureiro1@gmail.com;

No Brasil, o índice de gravidez entre 15 e 19 anos cresceu até o final do século XX, começando a declinar nos primeiros anos do século XXI. Porém, mesmo com esta recente queda, pode-se afirmar que há rejuvenescimento da fecundidade no PPBaís. Em termos absolutos, foram registrados 559.991 nascimentos de mães com menos de 19 anos em 2013, o que mostra a necessidade urgente do tema ser trabalhado (BERQUÓ ; CAVENAGHI; 2006 citado por VIEIRA et al, 2017). Segundo o relatório sobre os direitos relativos à saúde sexual e reprodutiva das populações, elaborado e divulgado pela Organização das Nações Unidas - ONU, em 2019, o Brasil atingiu a taxa de 62 adolescentes grávidas para cada mil jovens do sexo feminino entre 15 e 19 anos, o que supera a média mundial de 44 jovens gestantes para cada mil habitantes de mesmas características.

Os mesmos autores (SANTOS, et al., 2006) apontam que nesta fase acontecem transformações com a maturação sexual e a aquisição da capacidade de reprodução, no desenvolvimento para a idade adulta. Essas transformações marcam o início da vida sexual do indivíduo, podendo refletir em problemas de saúde e gravidez precoce, com repercussões familiares, educacionais, sociais, entre outras condições de riscos, principalmente quando não há a devida proteção. Tudo isso se agrava quando se percebe os impactos para a adolescente na descoberta de sua gravidez. Gera uma severa interrupção dos seus projetos pessoais e da família, para a formação de uma nova configuração na qual é necessária uma grande adaptação.

A questão se configura como uma grande preocupação na Saúde Pública do país, estando associada a disseminação de Doenças Sexualmente Transmissíveis (DST) (TABORDA, et al, 2014). Segundo os autores, em relação à infecção pelo HIV, os dados epidemiológicos mostram um aumento na faixa etária de 17 a 20 anos do percentual do número de casos, e considerando um período de 30 anos, de 1980 até 2009, 2,1% dos casos foram diagnosticados entre 13 e 19 anos, sendo 49,7% destes, em pacientes do sexo feminino.

Além disso, é preocupante a forte relação entre violência sexual e gravidez na adolescência. Segundo Martins (2012), a partir da lei 12.015/09, que modificou o Código Penal em relação aos crimes sexuais, o ato sexual com pessoa com menos de 14 anos passou a se configurar como estupro de vulnerável. Apesar da jurisprudência da questão variar de acordo com os casos, a lei mostra um problema alarmante que é mais um agravante psicológico e social somado aos impactos da gravidez na adolescência.

Considerando o impacto das condições sócio econômicas para o desenvolvimento e saúde das mulheres nesse cenário, recorreremos às políticas públicas, em específico o CRAS - Centro de Referência de Assistência Social, como um instrumento de autonomia,

desenvolvimento e protagonismo que se encaixa com a necessidade da população alvo. Desse modo, para o CREPOP (2009), é consenso que o psicólogo, ao trabalhar nas políticas de assistência social, deve romper com os processos de exclusão, buscando formas e estratégias de ação que favoreçam a percepção do sujeito num lugar de poder, de construtor de seu próprio direito e da satisfação de suas necessidades.

As políticas públicas são um conjunto de ações coletivas geridas e implementadas pelo Estado, que devem estar voltadas para a garantia dos direitos sociais, norteando-se pelos princípios da impessoalidade, universalidade, economia e racionalidade e tendendo a dialogar com o sujeito cidadão. De modo a garantir a autonomia própria para o desenvolvimento, as políticas públicas devem perpassar a vida dos indivíduos que necessitam dela sendo um suporte no seu contexto (CREPOP, 2009).

Nesse sentido, o Centro de Referência de Assistência Social (CRAS) é uma unidade pública estatal, descentralizada da política de assistência social, responsável pela organização e oferta de serviços da proteção social básica do Sistema Único de Assistência Social (SUAS) nas áreas de vulnerabilidade, risco social e individual (CREPOP, 2009), sendo um importante instrumento de assistência social do país, que se propõe a cumprir as funções norteadoras de políticas públicas previstas. Pensar em identidade da mãe adolescente é fundamental como uma prática emancipatória que coloca em foco a potencialização pessoal, como nos seguintes pressupostos da atuação do CRAS (CREPOP, 2009):

“facilitar processos de identificação, construção e atualização de potenciais pessoais, grupais e comunitários, de modo a fortalecer atividades e positividade já existentes nas interações dos moradores, nos arranjos familiares e na atuação dos grupos, propiciando formas de convivência familiar e comunitária que favoreçam a criação de laços afetivos e colaborativos entre os atores envolvidos (p. 33);”

Desse modo, o projeto foi criado em parceria com a Universidade Estadual da Paraíba, com a PROEX, no departamento de Psicologia, e o CRAS - Centro de Referência de Assistência Social, denominado “Trabalhando a identidade de mães, adolescentes: uma intervenção da psicologia no CRAS”. Utilizamos todas essas questões como ponto de partida para receber as demandas próprias e particulares do grupo caracterizado como público alvo. O trabalho procurou caracterizar os tipos de necessidades mais predominantes no grupo de mães adolescentes, especialmente aquelas relacionadas às questões de identidade e de maternidade, explorando a livre expressão das participantes, assegurando a importância do fortalecimento de laços afetivos, da troca de experiências e identificando possíveis estratégias que favoreçam

o processo de construção identitária do grupo e de cada participante. Ademais, buscamos estabelecer uma maior articulação entre a comunidade e a universidade, proporcionando a capacitação dos estudantes para atuarem nos processos sociais e nas políticas públicas sociais.

## **METODOLOGIA**

O projeto teve início no primeiro semestre de 2019, no mês de março, fundamentado em numa metodologia participativa, a qual implica na utilização de métodos e técnicas que propiciem a reflexão de ações e sentimentos dos integrantes do grupo, com vistas à modificação de ações significativas para o trabalho da equipe (REY, 2005). O grupo é realizado semanalmente na unidade do Centro de Referência em Assistência Social - CRAS do bairro do Pedregal, na cidade de Campina Grande. A média é de 8 participantes, todas do sexo feminino, em sua maioria que já passaram da fase de gestação, solteiras, e com renda média de menos de um salário mínimo. A escolaridade das participantes varia entre o analfabetismo e o ensino médio incompleto. Esta extensão faz parte do programa PROBEX, cota 2018/2019, pela Universidade Estadual da Paraíba, com início em janeiro de 2019 e término em dezembro de 2019, tendo realizado 10 encontros durante os meses de março e junho.

Considerando as características da metodologia participativa, pretendeu-se trabalhar com estratégias metodológicas que pudessem proporcionar melhores condições de construção de conhecimento coletivo, reflexão, livre expressão e troca de experiência. O público alvo foi mobilizado por meio de contatos com a coordenadora do CRAS - Pedregal, que falou com as adolescentes motivando-as para participarem de reuniões com a equipe da universidade. A amostra é mista, composta por conveniência.

Foram também realizadas visitas domiciliares para estabelecer contato direto com as adolescentes estimulando-as a participarem do projeto. Foram inclusas todas as adolescentes que se dispuserem a participar da experiência, considerando a disponibilidade de horário e a adequação do local do trabalho. Considerando que o CRAS faz parte da rede de atenção à saúde e assistência social, foi contatado o PSF - Programa de Saúde da Família do bairro, que mediou novos contatos entre o projeto e outras adolescentes.

Dentre as ações programáticas pretendeu-se, inicialmente, realizar rodas de conversas com as adolescentes, buscando explorar os tipos de relações sociofamiliares estabelecidas. Após o levantamento da realidade, percebeu-se a necessidade de estender o público alvo do grupo de adolescentes às mulheres que foram mães na adolescência e assim, foi estabelecida

uma rotina de encontros semanais no CRAS, nos quais foram planejadas atividades que facilitaram a livre expressão das participantes, bem como ofereceram condições de compreensão sobre a importância das relações de afetividade, diálogo e respeito para o seu desenvolvimento pessoal.

Todos os encontros foram registrados por meio do diário de campo e de observações assistemáticas, realizadas pelas extensionistas, e agora alguns desses momentos serão descritos, como as oficinas, rodas de conversa, e dinâmicas, considerando o alcance do objetivo e os resultados apontados pelo encontro.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

### *Tema da vivência: História de vida*

Este encontro teve como tema “História de vida”. O objetivo da vivência foi colocar em perspectiva para as participantes a importância da sua história de vida, destacando como fundamental ser conseguido lidar com todos os obstáculos, mesmo que difíceis, de sua própria jornada, como um processo empoderador e produtor de autonomia. Como forma de quebrar o gelo e iniciar as atividades, começamos com a dinâmica das cores, que consistia em, escolhendo um cartão com uma cor dentre várias, elas relataram como estavam se sentindo baseado nelas. As respostas foram sobre tristeza, apreensão e ansiedade em relação a acontecimentos na própria comunidade.

A proposta de recontar a história de vida através da arte permite que aspectos antes ofuscados possam vir à tona de forma mais clara, desse modo, disponibilizamos materiais artísticos para a execução da atividade. Posteriormente, cada uma das participantes relatou o que havia feito, e também parte de sua história. Os relatos mostraram momentos de separação dos genitores, agressões físicas, onde a participante 1 foi obrigada a voltar para casa da mãe e cuidar de seus irmãos por meio de agressões. A mesma participante saiu de casa aos 15 anos, com seu primeiro namorado, buscando distanciar-se dessa relação, e atualmente possui três filhos, o que, segundo ela, a traz grande felicidade. A participante 2 relatou sobre sua infância, onde sofreu abusos físicos e sexuais, mas que foi desacreditada por sua família, além de ter parentes assassinados e perseguidos, o que a fez transitar entre a Paraíba e a Bahia - local onde conheceu o pai de seu filho, aos 11 anos.

É possível perceber que em ambos os relatos existem aspectos traumáticos e difíceis de superar. Por ser sua própria história, é nesse contexto que elas se transformam até quem são hoje e podem se projetar para o futuro. Para o autor Ciampa (1989), o processo de construção

de identidade ocorre durante toda a vida do indivíduo e este movimento, ao longo da vida, é ocasionado pelas combinações de igualdade e de diferença, em relação a si próprio e aos outros, construindo a história do indivíduo. Nesse contexto, a identidade se transforma e se concretiza pelas relações sociais estabelecidas pelo indivíduo. O autor chama esse processo de “metamorfose”, pois o sujeito vive em constante transformação.

A proposta, de fazer elas se perceberem fortes pelo que conseguiram superar, fez elas usarem sua própria história de vida e sua transformação pessoal, por meio de sua identidade, como mecanismo de enfrentamento das dificuldades que elas precisam encarar, como a vulnerabilidade social, referente à violência, pobreza, e as inúmeras consequências da gravidez na adolescência para seu desenvolvimento. A partir do momento que compreendem seu passado, entendem o presente, elas conseguem ressignificar essas memórias e experiências para um futuro melhor. Segundo Gaulejac apud Nogueira *et al.* (2017), recontar as histórias de vida permite reconstruir o passado e trabalhá-lo através da narrativa, sustentando o presente e projetando o futuro, o que permite que modificações sejam realizadas a partir da reelaboração da própria história.

*Tema: Antes e depois da Gravidez*

O encontro trabalhar o “Antes e depois da gravidez” e como buscado em todas as vivências, iniciamos com uma dinâmica que objetivou compreender como elas se sentiam no momento, e utilizamos os *emoticons* - imagens com expressões faciais amplamente usadas nas redes sociais - como forma de resposta. Após esse momento, foi passado um vídeo sobre gravidez na adolescência, que mostrava relatos de jovens e profissionais de saúde, com algumas estatísticas sobre o tema, abrindo assim, a discussão. Foi possível notar que elas possuíam histórias parecidas com as jovens do vídeo, com dificuldades financeiras, e as que estavam na primeira gravidez possuíam as mesmas apreensões e ansiedades para o futuro. Elas também relataram das experiências físicas, como enjôo e dores, que todas passaram. Por fim, era pretendíamos entender se elas se percebiam para além da maternidade, como mulheres integrais, e para tal, utilizamos a dinâmica do espelho, onde uma caixa contendo um espelho foi passada por entre as mulheres, que relataram o que viam ali dentro. Muitas se viram como mães, como pessoas que amavam seus filhos, porém não conseguiam falar de si em outros âmbitos, com uma participante inclusive brincando que não gostaria de olhar o reflexo. A baixa auto estima e o viés negativo foram marcantes nesse momento.

A transição da adolescência para a fase adulta é largamente adiantada quando uma gravidez ocorre nesse período, o que traz consigo uma necessidade expressa de amadurecimento e uma maior restrição social (SANTOS, GUIMARÃES E GAMA, 2016). Também existe uma dificuldade em passar da autoimagem infantil para uma representação adulta, considerando todas as mudanças que o corpo passa durante a gravidez, como relatado por Iwata, Rosa e Valente (2013). Além disso, o estigma da maternidade e a dificuldade em possuir uma rede de apoio acaba por sobrecarregar essas mães, que não possuem tempo para se dedicarem a atividades que envolvam auto-cuidado. A visão da maternidade é abarcada com tamanha força por essas jovens, que a utilizam como uma forma de adentrar em novas responsabilidades, fixarem um papel social e até mesmo para suprir carências, que engloba toda a auto-imagem que elas possuem.

*Tema da intervenção: Perceber-se no passado, presente e futuro*

Nessa intervenção, objetivou-se trabalhar o tema “Percebe-se no passado, presente e futuro”, buscando compreender quais foram/eram as perspectivas das participantes em relação às suas vidas, aos desejos e sonhos, e como construíram sua história de vida até agora. Assim, iniciamos questionando como as participantes estavam, de forma que elas relataram através de uma palavra, e assim, a grande maioria trouxeram que estavam bem e felizes. Em seguida, buscando compreender a perspectiva pessoal de cada uma, pedimos que cada mulher se desloque até os cartazes fixados na parede - escrito passado, presente e futuro - e escreva ou desenhe algo venha definir aquele período da sua vida. Em relação ao passado, as participantes relataram o nascimento dos filhos como algo positivo e as relações paternas, enquanto que algumas trouxeram o alcoolismo dos pais e o uso de drogas, por parte dos maridos, como um fator negativo. As participantes trouxeram que escreveram a família e os filhos como principal fator positivo do presente. Enquanto que as perspectivas escritas para o futuro, estavam relacionadas também aos filhos.

As participantes trouxeram, também, o desejo de conseguir algo no qual conseguissem trabalhar e que gostariam de voltar a estudar e se profissionalizar, mas que as condições atuais não as possibilitam. Segundo Santos *et al.* (2008), a interrupção de alguns planos, por parte das adolescentes que engravidam na adolescência, apresenta-se como algo presente na vida destas, de forma que, após a gravidez precisam modificar seus projetos e muitas, vezes, se afastando de espaços sociais e da escola.

É possível perceber a construção identitárias dessas mães, muitas vezes, unicamente associada ao ser mãe. As jovens mães passam a ressignificar e assumir o papel social materno, resultando na construção identitária a partir da concepção do ser mãe, de forma que, as mães assimilam o processo de maternidade, internalizando perspectivas que relacionam, quase que exclusivamente, ao papel materno e a relação com seus filhos, pois a sua percepção de si passa a se dá imbricada ao papel de mãe (VIEIRA *et al.*, 2017). Portanto, foi levado ao grupo, por meio de questionamentos reflexivos, que outras possibilidades de futuro percebiam, onde apareceram os desejos de trabalho e profissionalização.

#### *Tema da intervenção: Maternidade*

A vivência teve como tema principal a “Maternidade”, esperando compreender este processo para cada participante. Inicialmente, pretendíamos perceber como elas estavam se sentindo, e fizemos uma dinâmica com cartões de diferentes cores que representassem como elas se sentiam. Os elementos mais frequentes dentre as escolhas foram ansiosa, alegre, esperança, preguiça, paz e calma. Nosso objetivo era trabalhar a maternidade de forma mais específica, principalmente a visão que elas possuíam sobre ser mãe. Desta forma, as participantes foram instruídas a escrever em três papéis sentimentos que as representavam enquanto mães, e após recolhidos e misturados, elas retiraram um papel aleatório, para discussão coletiva. Muito foi falado sobre a insegurança em relação a educação dos filhos, a impaciência e o estresse nas situações em que a convivência se dificultava. No momento seguinte, propomos uma pescaria, onde as mães pescavam e diziam o número correspondente a uma questão que estava em posse das extensionistas. As questões eram ainda mais específicas sobre a relação da maternidade, como “fico triste com meu filho quando...” e “como mãe fico insegura quando...”. As respostas novamente versaram sobre o estresse sentido pelas participantes, além do medo que elas possuíam de tomar uma atitude agressiva ou dos filhos terem um futuro prejudicado. Todos os momentos foram mediados pelas extensionistas e pela orientadora, de forma a incentivar práticas educativas voltadas para o diálogo e compreensão.

As dificuldades das mães acabam influenciando no estilo parental adotado na criação dos filhos, que implica no desenvolvimento da criança. Os estilos parentais, por sua vez, são conjuntos de atitudes dos pais em relação aos filhos, que caracterizam a natureza da interação entre eles. Essas atitudes são modeladas pela efetividade das práticas educativas adotadas pelos pais na socialização dos filhos. Os estilos parentais são diferentes das práticas



educativas, pois incluem aspectos globais dessas interações, considerando o contexto afetivo em que ocorrem (DELATORRE et al, 2015, *apud* PATIAS ND et al, 2013). O problema da falta de comunicação relatada, por exemplo, se dá para além da transmissão de informações e troca de experiências entre pais e filhos, pois contribui para a promoção de um ambiente acolhedor para o desenvolvimento.

Esse ambiente acolhedor prevê um padrão adequado de comunicação (pais que ajudam os filhos a identificarem emoções, que os aconselham, com expressividade emocional positiva e que estão dispostos à conversa com ele) entre pais e filhos, o que por sua vez, auxilia na melhor interação social destes com os pares e na menor probabilidade de apresentarem problemas de comportamento (CIA et al, 2006, *apud* BOHANEK, MARIN, FIVUSH & DUKE, 2006). Por esta razão, buscamos incentivar às mães em práticas educativas voltadas para o diálogo e afeto em detrimento das tradicionais práticas coercitivas de punição.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Foi possível perceber, durante toda nossa experiência, que a promoção de protagonismo e autonomia pode ser de fato transformador na vida do sujeito. Por mais difíceis que sejam as circunstâncias e vulnerabilidades que ele está inserido, ainda é necessário e imprescindível acreditar no seu potencial. Trabalhar com mulheres que são mães, donas de casa, trabalhadoras, que se encontram em situação de vulnerabilidade social é desafiador, mas demasiadamente gratificante. A questão da presença das mães na rotina do grupo foi uma dificuldade, onde várias mães fizeram parte e saíram ao longo do processo, mas conseguimos estabelecer um grupo fixo e corresponder às demandas que eram trazidas, seja diretamente por pedidos delas, seja inseridas em seus discursos nas reuniões.

Estabelecer um espaço de fala e reconstrução da realidade para essas mulheres é de grande importância, que reafirma o compromisso social que a Psicologia possui e relembra que todos merecem atenção integral das políticas públicas. Foi possível avaliar que as mães se sentiram acolhidas nesse processo, e que utilizaram das estratégias propostas como forma de aprendizado e socialização, além de empoderamento das próprias vivências. As mães construíram laços afetivos entre si, com maiores diálogos, trocas de experiências e momentos conjuntos, e puderam começar a se perceber enquanto partes de uma vivência com muitas semelhanças. Concluímos que a auto estima dessas mulheres é um ponto frágil e necessita de maior atenção e cuidado, visto que na maior parte dos relatos e interações sobre o assunto estiveram marcadas pelo viés negativo, e muitas vezes a total falta de reflexão e atenção por si

mesmas. Além disso, a construção de identidade que elas fazem sobre si é, majoritariamente, associado a maternidade, o que pode ser tornar limitante e pouco salutar quando percebe-se todo o seu potencial e diversas outras possibilidades de ser e estar.

Espera-se que, no retorno do grupo, pretensões cada vez mais práticas sejam alcançadas, como diálogos sobre sexualidade, empreendedorismo, fisioterapia, objetivando que essas mães utilizem novas habilidades na construção de sua história, e que se permitam alcançar objetivos cada vez mais altos. Também é objetivado que a equipe do CRAS - Pedregal integre-se ainda mais ao trabalho, permitindo que deem continuidade a ele através dos profissionais de referência do centro.

## REFERÊNCIAS

Centro de Referência Técnica em Psicologia e Políticas Públicas (CREPOP) *Referência técnica para atuação do(a) psicólogo(a) no CRAS/SUAS*. Conselho Federal de Psicologia (CFP). Brasília, CFP, 2007. (re-impressão 2008) 60p.

CIA, Fabiana; DE OLIVEIRA PAMPLIN, Renata Christian; DEL PRETTE, Zilda Aparecida Pereira. Comunicação e participação pais-filhos: Correlação com habilidades sociais e problemas de comportamento dos filhos. *Paidéia*, v. 16, n. 35, p. 395-406, 2006.

DELATORRE, Marina Zanella; PATIAS, Naiana Dapieve; DIAS, Ana Cristina Garcia. Práticas educativas e relacionamento entre pais e filhas adolescentes grávidas e não-grávidas. *Journal of Human Growth and Development*, v. 25, n. 2, p. 141-150, 2015.

MARTINS, José Renato. *O delito de estupro após o advento da Lei 12.015/09: questões controvertidas em face das garantias constitucionais*. Revista da Academia Brasileira de Direito Constitucional: Anais do X Simpósio Nacional de Direito Constitucional, Curitiba, 2012.

NOGUEIRA, M. L.M., BARROS, V. A., ARAUJO, A. D. G., PIMENTA, D.A.O. O método de história de vida: a exigência de um encontro em tempos de aceleração. *Pesquisa e práticas psicossociais*, São João del Rei: Minas Gerais, v.12, n. 2, 2017.

REY, F. L. G. A Subjetividade e seu significado atual na construção do pensamento psicológico. In.: *Sujeito e subjetividade: uma aproximação histórico-cultural*. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, p. 199-287, 2003.

SANTOS R.C.A.N, SILVA R.M., QUEIROZ M.V.O., JORGE H.M.F, BRILHANTE A.V.M. Realidade e perspectivas de mães adolescentes em suas primeiras experiências. *Revista Brasileira de Enfermagem* [Internet]. 2018; 71(1):65-72. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/0034-7167-2016-0444>.

TABORDA, Joseane Adriana et al. Consequências da gravidez na adolescência para as

(83) 3322.3222

contato@conedu.com.br

[www.conedu.com.br](http://www.conedu.com.br)

meninas considerando-se as diferenças socioeconômicas entre elas. *Cad Saúde Colet* (Rio J.), v. 22, n. 1, p. 16-24, 2014.

TÉCNICAS, Orientações. *Centro de Referência de Assistência Social-CRAS*. Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome. Brasília, 2009.

VIEIRA, E. M., BOUSQUAT, A., DOS SANTOS BARROS, C. R., & Alves, C. G.P. Gravidez na adolescência e transição para a vida adulta em jovens usuárias do SUS. *Revista de Saúde Pública*, 51, 1-11, 2017.